16º SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL

O FUTURO DO PASSADO:
ARQUITETURA MODERNA VIVA E URBANA

PORTO ALEGRE | DEZEMBRO | 2025

ORGANIZADORES
Carlos Eduardo Comas
Sergio M. Marques
Claudia Piantá Costa Cabral
Marta Peixoto
Ana Carolina Pellegrini
Monica Luce Bohrer

ANAIS



docomomo núcleo rs
docomomo brasil
PROPAR

16º SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL

O FUTURO DO PASSADO:
ARQUITETURA MODERNA VIVA E URBANA

PORTO ALEGRE | DEZEMBRO | 2025

ORGANIZADORES
Carlos Eduardo Comas
Sergio M. Marques
Claudia Piantá Costa Cabral
Marta Peixoto
Ana Carolina Pellegrini
Monica Luce Bohrer

ANAIS

docomomo núcleo rs
docomomo brasil
PROPAR

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Monica Luce Bohrer

IMAGENS DA CAPA
Santuário Nossa Senhora da Piedade, em Minas Gerais, c.1989.
Itaipu binacional, c. 1984
Esplanada do Castelo no Rio de Janeiro com a biblioteca naciona a frente, prédio da ABI atrás e Ministério da Educação no fundo, c. 1950

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Seminário Docomomo Brasil (16 . : 2025 : Porto Alegre, RS)
16º Seminário Docomomo Brasil [livro eletrônico] : o futuro do passado: arquitetura moderna viva e urbana / [organizadores] Carlos Eduardo Comas, Sergio M. Marques, Claudia Piantá Costa Cabral, Ana Carolina Pellegrini, Marta Peixoto, Monica Luce Bohrer. -- 1. ed. -- Porto Alegre, RS : Docomomo Brasil, 2026.
PDF

Vários autores.
Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-993024-6-6

1. Arquitetura moderna 2. Construções - Técnicas 3. Edifícios - Projeto e construção 4. Planejamento urbano I. Comas, Carlos Eduardo. II. Marques, Sergio M. III. Cabral, Claudia Piantá Costa. IV. Pellegrini, Ana Carolina. V. Peixoto, Marta. VI. Bohrer, Monica Luce. VII. Título.

26-348951.0 CDD-724.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Arquitetura moderna 724.6

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

O PETRÓLEO É NOSSO – REFAP, TEDUT, FAMP E EA

MARQUES, SERGIO M.
PROPAR/UFRGS
sergio.marques@ufrgs.br

RESUMO.

A campanha "O Petróleo é nosso", evidenciava a face progressista da Petrobras, desde os governos Getúlio Vargas (1951/1954) até João Goulart (1961/1964), passando pelo empenho do governador Leonel de Moura Brizola (1959/1963) em trazer a Refinaria Alberto Pasqualini para o Estado. Na carona do espírito desenvolvimentista e da independência energética, a Petrobras enxergava na construção de suas instalações a oportunidade de constituir uma imagem de modernidade signatária da identidade nacional almejada. O Engenheiro José Carlos Wellausen, funcionário da Petrobras, foi encarregado de selecionar os arquitetos para a realização dos projetos que traziam em seu bojo a vocação de obras representativas da Arquitetura Moderna na região. Conjuntamente com o IAB/RS, escolheram Carlos M. Fayet (1930/2009), Cláudio L. G. Araújo (1931/2016), Moacyr Moojen Marques (1930/2017) que por sua vez convidaram Miguel Alves Pereira (1932/2014).

O plano diretor, partiu de premissas determinadas pela equipe: aproveitamento dos valores da paisagem local e organização geral das edificações de forma a constituir espaços urbanos inseridos nesta paisagem e relacionados entre si. A estratégia do projeto urbanístico preservou a topografia natural e a mata nativa, localizando nas partes mais altas os edifícios, em quatro conjuntos, de forma a estabelecer relações urbanísticas.

A arquitetura dos pavilhões associou-se formalmente à ideia de abstração a partir de certo repertório formal e tipológico, onde tectônico e materialidade foram fios condutores, criando sistema arquitetônico - através do desenho apurado de pilares, vigas e vigas-calhas, pré-moldados e coberturas, painéis de fechamento lateral, panos de alumínio, fibrocimento, fórmica, elementos vazados, tijolos à vista e caixilharia de vidro - como um "lego", montado a partir da tipologia dominante.

Dotados de diversos graus de intermediação entre construção e paisagem, sistema tipológico e construtivo, inovação tecnológica e pioneirismo ambiental, a REFAP e TEDUT são uma das melhores experiências formais da Arquitetura e Urbanismos Modernos Brasileiro no Sul.

1. INTRODUÇÃO



Figura 1. Campanha e mobilização nacional, "O Petróleo é nosso", iniciada na A.B.I. em 1948. Reunião do Sindicato de Petroleiros, inicio da década de 1950, Rio de Janeiro-RJ. Fonte: <http://democraciapolitica.blogspot.com.br/2012/01/os-60-anos-de-o-petroleo-e-nosso-por.html>

A campanha "O Petróleo é nosso" (Fig.1), encampada por intelectuais do calibre de Monteiro Lobato, evidenciava a face progressista disseminada na Petrobras, desde os governos Getúlio Vargas (1951/1954) até João Goulart (1961/1964), passando pelo empenho do governador Engenheiro Leonel de Moura Brizola (1959/1963) em trazer a Refinaria Alberto Pasqualini – REFAP para o Estado. O gênio nacionalista e progressista encontrava eco nas pretensões renovadoras da arquitetura moderna, em particular aquela que consubstanciava certo caráter brasileiro, com o qual a região sul manteve algum retardo e reticência. A conexão dos arquitetos Carlos M. Fayet (1930/2009), Cláudio L. G. Araújo (1931/2016), Moacyr Moojen Marques (1930/2017) e Miguel Alves Pereira (1932/2014) com a Petrobras, iniciou por intermédio do Engenheiro José Carlos Wellausen, alto funcionário da Petrobras, colega de Araújo nos tempos de seu curso de arquitetura na Escola da Engenharia da UFRGS, e pelas afinidades políticas daquele com o meio da arquitetura, sintonizadas com o movimento nacionalista arraigado na Petrobras (Fig.2).

Na carona do espírito desenvolvimentista e da independência energética, a Petrobras enxergava na construção de suas instalações a oportunidade de constituir uma imagem pública de modernidade signatária da identidade nacional almejada. O Eng. José Carlos Wellausen foi encarregado de selecionar os arquitetos para a realização dos projetos para o sistema de refino de Petróleo no sul do país que, além da envergadura e complexidade, trazia em seu bojo a vocação de obra representativa da Arquitetura Moderna na região. Conjuntamente com o IAB/RS, que na época detinha cadastro de arquitetos, escolheram aqueles que, em seus discernimentos, tinham competência e afinidade à causa subjacente ao trabalho: Fayet, Araújo e Moojen primeiramente, simpáticos à tendência progressista, com seus respectivos escritórios emergentes na região, e Pereira indicado pelos três logo a seguir, formando o escritório "Equipe de Arquitetos - EA", com os encargos de planejar e projetar o urbanismo, arquitetura, paisagismo e direção de obras da refinaria e terminal, mas também com o intuito de inovar formal e tecnologicamente.



Figura 2. Sede da Mercedes Benz, viagem de formatura. Da esquerda para a direita, José C. Wellausen (2° fila), Flávio Pasquali, não identificados, Gemma, Julio Rubbo, Cláudio Araújo, Rolf Young, Paulo Lafayet, Livone (1° fila), 1954, Stuttgart-Alemanha (identificação de memória de Araújo). Fonte: Acervo FAM/PROPAR.

O sistema geral adotado para o refino do petróleo bruto no Rio Grande do Sul tinha como diretriz a implantação das instalações industriais no município de Canoas, na Região Metropolitana de Porto Alegre, por questões estratégicas. Dada a proximidade com a capital do Estado, que desde o ponto de vista tanto da existência de infraestrutura quanto administrativo, oferecia conveniências, como a conexão com as rotas de escoamento através do sistema hidro rodoferroviário, vizinhança com a base aérea de Canoas, proximidade a fornecedores e mão de obra. A chegada da matéria-prima, por outro lado, foi planejada através de engenhoso e complexo sistema de abastecimento de petróleo cru, evitando o transporte por caminhões-tanque, dado o risco e sobrecarga do sistema rodoviário, estruturado por via marítima. No município de Tramandaí, no litoral gaúcho, foram instaladas monoboias oceânicas flutuantes, à duas milhas da costa, uma para abastecimento de óleo bruto, outra para carregamento e descarregamento de derivados, como nafta e diesel. Desde as monoboias, o abastecimento/escoamento ainda é feito por via submarina até o Terminal Marítimo Almirante Soares Dutra – TEDUT, em Osório, e através de oleodutos, por mais de cem quilômetros, até a REFAP, em Canoas (Fig. 3).

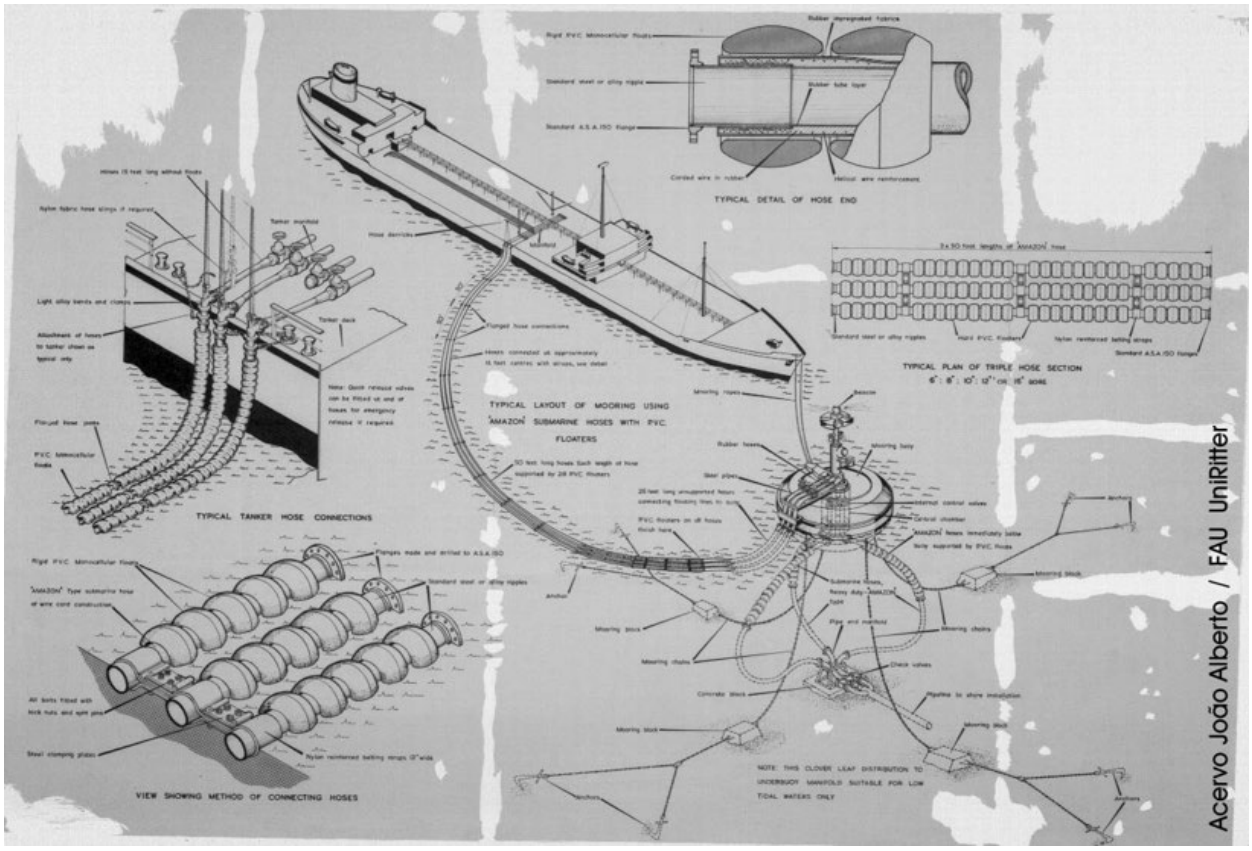


Fig. 3. Petrobras, sistema de monobóias, Oceano Atlântico, Tramandaí-RS. Fonte: Acervo João Alberto da Fonseca, FAU UniRitter.

O desenvolvimento do plano diretor para a gleba, tão estratégico para o resultado espacial do conjunto quanto a arquitetura dos pavilhões, partiu de premissas determinadas conjuntamente pela equipe, e duas diretrizes fundamentais: aproveitamento dos valores da paisagem local e organização geral das edificações de forma a constituir espaços urbanos ordenados, inseridos nesta paisagem, e relacionados entre si. A estratégia do projeto urbanístico, subvertendo a prática de tábula rasa– critério comum nas instalações industriais – preservou as condições topográficas naturais e a mata nativa e condicionou substantivamente os princípios de organização urbana e ocupação espacial adotados, localizando nas partes mais altas os edifícios administrativos e serviços, em quatro conjuntos, de forma a estabelecer relações arquitetônicas entre si e com a paisagem (Fig. 4).

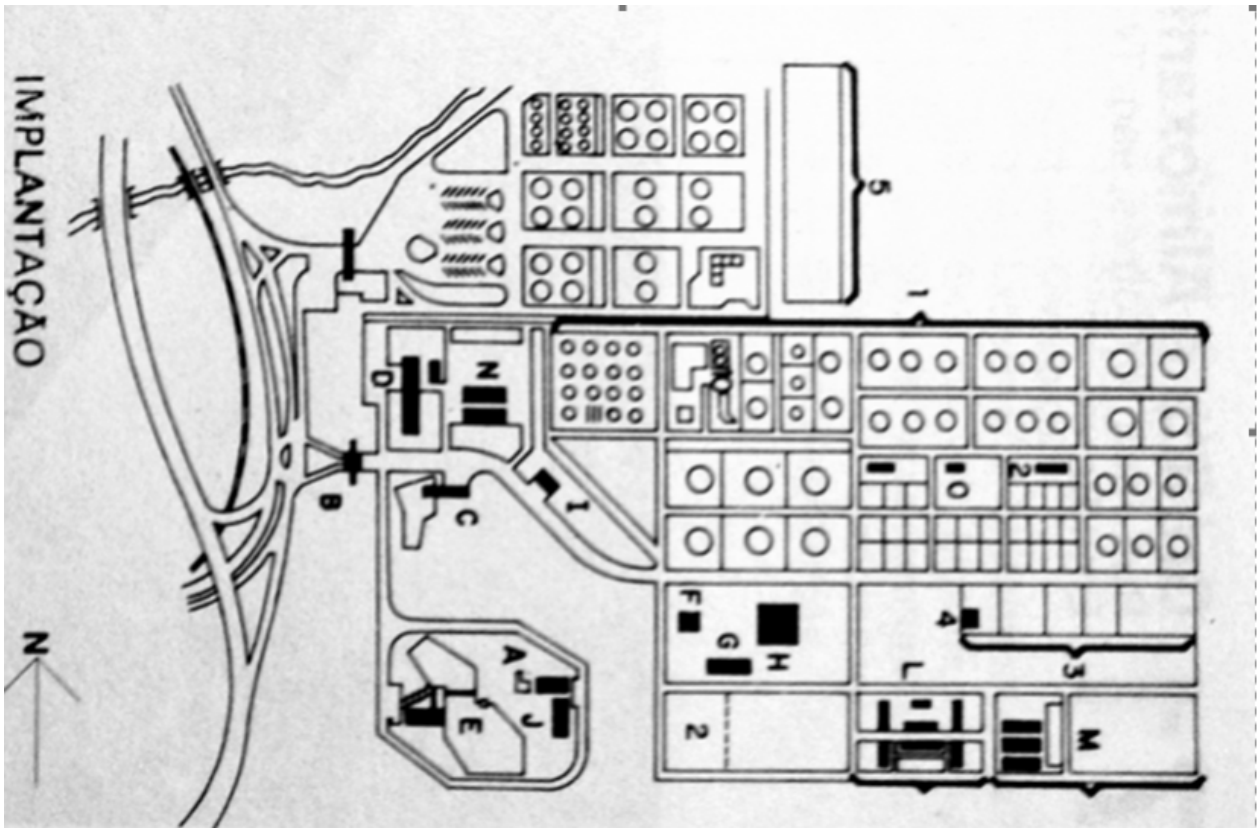


Figura 4. Refinaria Alberto Pasqualini - REFAP, Petrobras. Planta parcial do complexo: 1 - Armazenagem de Produtos; 2 - Unidade de Solventes; unidade de Processo; 4 - Separador de água e óleo; 5 - Bacia de aeração. A - Administração; B - Recepção; C - Serviços médicos; D - Garagem e oficinas; E - Refeitório; F - Segurança; G - Laboratório; H - Superintendência de produção; I - Centro de Treinamento; J - Superintendência; L - Oficinas; M - Almoxarifado; N - Casa de Transferência. Carlos M. Fayet, Cláudio Araújo, Moacyr Moojen e Miguel Pereira. 1962-1968, Canoas-RS. Fonte: XVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. Arquitetura Moderna em Porto Alegre. São Paulo: Pini, 1987.

Por outro lado, a arquitetura dos pavilhões da REFAP e TEDUT associa-se formalmente à ideia de abstração a partir de certo repertório formal e tipológico adotado consensualmente, onde tectônico e materialidade foram

fios condutores importantes, tendo, de certa maneira criado um sistema. Com o pressuposto de inovar através da técnica, estabeleceu-se determinado léxico de elementos que tectônica e visualmente expressam suas funções, cujas regras de associação regem a arquitetura. A construção de um sistema arquitetônico, através do desenho apurado da coleção de pilares, vigas, vigas-calhas, coberturas e painéis de fechamento lateral, associados a panos de alumínio, fibrocimento, fórmica, elementos vazados, tijolos à vista, caixilharia de vidro, como um "lego" organizado dentro da tipologia dominante, foi determinante.

2. CAMPANHA POLÍTICA e POLÍTICOS EM CAMPANHA: PETRÓLEO, REFAP e TEDUT

Com o final da II Guerra e o fim da ditadura getulista, entre militares e intelectuais de esquerda recrudesceu o entendimento sobre a importância estratégica do petróleo e o risco da exploração pela iniciativa privada, já que fatalmente cairia nas mãos de trustes internacionais. Essa posição, substanciada no movimento "O petróleo é nosso", ganhou a opinião pública, encampada pela UNE, sindicalistas e o PCB, legal até 1947, combatidos pela UDN, pelos partidos privatistas e pela imprensa, já em clima de guerra fria. Confundido com o fervoroso debate anti-imperialismo versus anticomunismo, o monopólio nacional do petróleo prevaleceu com o surgimento da Petrobras em 1953 no governo de Getúlio Vargas e o Estado Novo. Monteiro Lobato, desde a década de 1930, manifestava-se publicamente pela importância estratégica da exploração do Petróleo no Brasil, convicção adquirida em sua estadia nos E.U.A de 1927 a 1931, e atacava de forma contundente políticos, militares e técnicos que em sua opinião prestavam serviços aos interesses internacionais, chegando a ser preso em 1940 por acusar injustamente o General Horta Barbosa. Criou o personagem Jeca Tatu, protótipo da lerdeza, safadeza e incompetência, como crítica à burocracia brasileira no tema da exploração de energia. Após a sua morte em 1948, o movimento "O petróleo é nosso" pegou fogo (Fig. 1).

A Refinaria foi construída na Região Metropolitana de Porto Alegre, no Município de Canoas, com acesso pela BR-116. A pedra fundamental foi colocada em 21 de dezembro de 1961 e as obras, realizadas em duas etapas, iniciaram no ano seguinte, durante os governos do Presidente João Goulart e do Governador Leonel de Moura Brizola. Os projetos foram sendo realizados durante a execução da obra. A inauguração ocorreu em 16 de setembro de 1968, nos governos do Presidente Costa e Silva e do Governador Perachi Barcellos. Em 1973, a área inicial, antiga fazenda desapropriada da família Cirne e Lima, de 217 hectares, foi ampliada para 500 hectares. O nome é em homenagem ao senador gaúcho, Alberto Pasqualini, que relatou o projeto de criação da Petrobras e um dos grandes defensores do monopólio do petróleo pela estatal brasileira.

3. CONTRATO e ENCARGO: IAB e FAMP

A ligação de Fayet, Araújo, Moojen e Pereira com a Petrobras iniciou por intermédio do Engenheiro José Carlos Wellausen, colega de Araújo dos tempos da engenharia, e pelas afinidades políticas deste com o meio da arquitetura, sintonizadas com o movimento nacionalista arraigado na Petrobras. Wellausen, alto funcionário da Petrobras, foi encarregado de selecionar os arquitetos para a realização do projeto da refinaria que, além da envergadura e complexidade, trazia em seu bojo a vocação de obra basilar da arquitetura contemporânea

representativa na região[1]. A partir e conjuntamente com o IAB/RS, escolheu aqueles que, em seu discernimento, tinham competência e afinidade à causa subjacente ao trabalho. Assim como o Ministro Capanema no Rio de Janeiro, no episódio do MESP, Wellausen focou o contexto das novas gerações filiadas à vanguarda moderna que se insurgia no Estado, vinculadas ao meio intelectualizado e engajadas politicamente na profissão, normalmente nucleadas na universidade, no IAB, no serviço público e/ou em escritórios que a grande maioria mantinha com dedicação religiosa (Fig. 2). Na carona do espírito desenvolvimentista e da independência energética, a Petrobras enxergava na construção de suas instalações a oportunidade de constituir uma imagem pública de modernidade signatária da identidade nacional almejada. A partir destes critérios e relações para as instalações no Rio Grande do Sul, acompanhado pela diretoria do IAB e seu cadastro, indicou os três jovens arquitetos Fayet, Araújo e Moojen, simpáticos à tendência progressista e profissionais emergentes da arquitetura moderna na região. Miguel Alves Pereira (1932), ainda mais jovem, indicado pelos três arquitetos, logo a seguir, completou a equipe, encarregada de atenderem o complexo rol de atividades e exigências técnicas do urbanismo, arquitetura, paisagismo e direção de obras da refinaria e terminal, mas principalmente com o intuito de inovar formal e tecnologicamente.



Figura 5. Refinaria Alberto Pasqualini - REFAP, Petrobras. Área da Portaria, Almoxarifados, Centro Médico e antigo Centro de Treinamentos. Carlos M. Fayet, Cláudio Araújo, Moacyr Moojen e Miguel Pereira, 1962-1968, Canoas-RS. Fonte: Acervo FAM/PROPAR.

[1] Posteriormente, durante a execução das obras, Wellausen assumiu o posto de subchefe da Petrobras. O Chefe de Obras era o Engenheiro Fernando Ribeiro e o Supervisor Técnico o Engenheiro Percy Lousada de Abreu. Mais tarde, com a revolução, a chefia foi assumida pelo interventor Orivaldo de Souza (militar) e a Supervisão Técnica pelo Engenheiro Fernando Guidão de Souza.

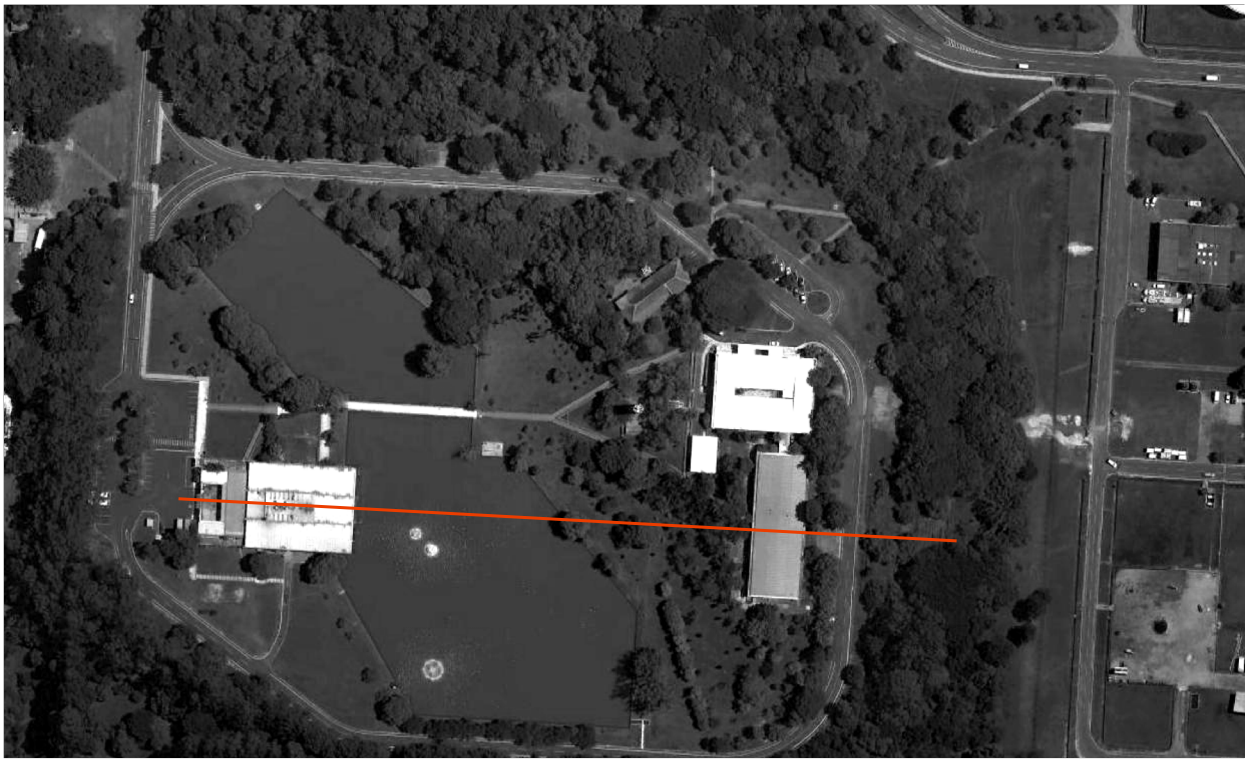


Figura 6. Refinaria Alberto Pasqualini - REFAP, Petrobras, Centro de Treinamento, relação com o Refeitório, Carlos M. Fayet, Cláudio Araújo, Moacyr Moojen e Miguel Pereira (Coord. Miguel Pereira), 1963 Canoas-RS. Fonte: Acervo FAM/PROPAR.

A Equipe de Arquitetos – EA como denominado inicialmente o grupo pela Petrobras, se organizou no escritório de Cláudio Araújo, no Edifício Comendador Azevedo, em frente ao Paço Municipal, sem constituir figura jurídica, mantendo, portanto, o conceito de arquitetos autônomos reunidos, encarregados dos trabalhos. Para efeitos do contrato, foi criada a sigla "EA", Equipe de Arquitetos, adotada mais tarde como entidade jurídica na sociedade de Fayet e Araújo, iniciada com os projetos para a CEASA, em 1970, e extinta somente com o falecimento de Fayet em 2007.

4. URBANISMO, ARQUITETURA, CONSTRUÇÃO e PAISAGEM: EA, REFAP e TEDUT

O desenvolvimento do plano diretor para a gleba da REFAP, tão estratégico tanto para o resultado espacial do conjunto quanto para a arquitetura dos pavilhões propriamente ditos, partiu de premissas determinadas conjuntamente pela equipe, e duas diretrizes fundamentais estruturam a lógica do partido urbanístico adotado: Aproveitamento dos valores da paisagem local, tanto pela manutenção máxima possível do relevo – evolvendo um conjunto considerável de vegetação nativa e concentração natural de água preservados, mantendo boa parte da topografia original e açude existente, originários da Fazenda da Brigadeira (Bairro

São Luís – Canoas-RS), sede do local, cuja construção principal também foi preservada – quanto pela implantação das edificações novas e área industrial em articulação respeitosa com o ambiente.



Figura 7. Refinaria Alberto Pasqualini - REFAP, Petrobras. Área da Superintendência Geral de Produção, Laboratório e Segurança. Carlos M. Fayet, Cláudio Araújo, Moacyr Moojen e Miguel Pereira. 1962-1968, Canoas-RS. Fonte: Acervo FAM/PROPAR.

Organização geral das edificações e zoneamento da área industrial de forma a constituir espaços urbanos ordenados por objetos autônomos, inseridos na paisagem, relacionados entre si, tanto através de sistema

espacial abstrato e fluido – onde perspectivas visuais relacionam formalmente as unidades, formando uma espécie de jogo entre peças distintas de um mesmo sistema – quanto pelas relações tipológicas estabelecidas entre as edificações (Figs. 5, 6, 7, 8, 9 e 10). O princípio de organização espacial e formal dos diversos pavilhões evidencia a utilização de critérios modernos de projeto, com certa universalidade, porém adequados às variáveis de programa e sítio, fortemente condicionados por parâmetros técnicos e construtivos, estabelecendo um conjunto de relações topológicas entre eles, desde o ponto de vista urbano e sistêmico/tipológico até o ponto de vista formal das arquiteturas.

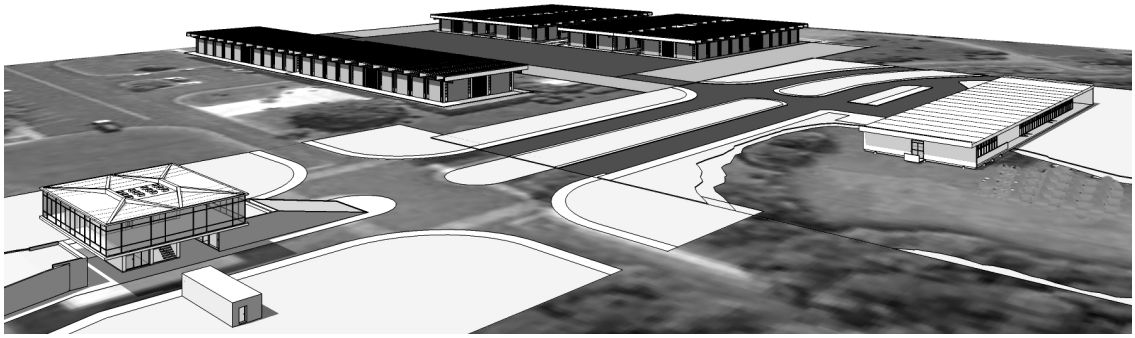


Figura 8. Refinaria Alberto Pasqualini - REFAP, Petrobras, Entrada no complexo e conjunto de edificações. A esquerda, Portaria. Acima, Oficinas e Almoxarifados (dois conjuntos, conforme projeto original), A direita, Serviços Médicos. Carlos M. Fayet, Cláudio Araújo, Moacyr Moojen e Miguel Pereira, Canoas-RS. Fonte: Acervo FAM/PROPAR.

Na escala urbana, portanto, a estratégia de projeto foi conceber, em equipe, partido geral para a implantação do conjunto, com ênfase em sistema espacial controlado funcionalmente, mas qualificado formalmente, observando parâmetros ambientais, através de desenho abstrato ordenado e relações visuais consequentes. O conjunto conforma espaços urbanos modernos controlados espacialmente, mesmo que desenhados a partir de parâmetros de funcionalidade, circulação e segurança determinantes no caso: a organização geral do complexo obedece ordenamento cartesiano de quadras ortogonais regulares para a área industrial – que ocupa a metade norte da gleba, dividida em duas longitudinalmente, com ocupação da perna do "L" a norte de forma a "encaixar" a perna do "L" da área do refeitório, configurando dois "Ls" associados, como convém às exigências programáticas – e um traçado mais irregular à *garden city*, conectando pavilhões horizontalizados e valorizando a paisagem natural nas áreas coletivas, com Refeitório, Administração, Superintendência, Serviços Médicos, etc.

A estratégia do projeto, subvertendo a prática de tábula rasa de nivelar o terreno integralmente – critério comum nas instalações industriais, igualmente intencionada inicialmente pela Petrobras para o caso – preservou as condições topográficas naturais e a mata nativa e condicionou substantivamente os princípios de organização urbana e ocupação espacial adotados, localizando nas partes mais altas os edifícios administrativos e serviços, em quatro conjuntos, de forma a estabelecer relações arquitetônicas entre si, com a paisagem e restringindo o terrapleno à área industrial propriamente dita, onde o sistema espacial é

rigorosamente subordinado à infraestrutura. A ideia de constituição de conjuntos urbanos modernos revela sensibilidade incomum em complexos industriais, com poucos antecedentes no relativamente recente processo de industrialização do país.



Figura 9. Refinaria Alberto Pasqualini - REFAP, Petrobras, Centro de Treinamento com o Refeitório ao fundo, Carlos M. Fayet, Cláudio Araújo, Moacyr Moojen e Miguel Pereira (Coord. Miguel Pereira), 1963, Canoas-RS.. Fonte: Acervo FAM/PROPAR

A ideia geral de implantação do conjunto da TEDUT, definida em equipe, tinha como pressuposto estruturar espaço urbano moderno, com premissas igualmente análogas às utilizadas na REFAP, tais como criação de espaços abertos através da relação formal entre as edificações e integração do complexo em ambiente natural expressivo. Com essas diretrizes iniciais, os arquitetos realizaram pesquisa das condições de fauna e flora locais, com o apoio da unidade da Secretaria da Agricultura local, determinando espécimes vegetais e criação de animais adequadas às condições do contexto, relativamente hostil, dada a salinidade e a frequência de ventos. Portanto, a implantação geral manteve a ideia de pavilhões dispostos em parque verde criado, ao estilo cidade jardim.

A associação mutável dos elementos de arquitetura integrantes do repertório formulado no projeto para a REFAP e TEDUT, como pilares, vigas, planos de fechamento, etc., conforme definição de Corona Martínez, constitui diferentes elementos de composição, como placas, módulos, volumes, etc., cujas variações, tanto de um como de outro, formam o sistema espacial e tipológico adaptável às diversas funções e condições da família de edifícios projetados, sem perder unidade formal. Assim o conjunto de edificações, preservando a identidade de cada unidade, mantém relações tipológicas e formais entre si. Da mesma forma construções de serviços complementares, como os vestiários, ou mesmo edifícios relacionados diretamente com o processo industrial, mantêm a lógica geral do conjunto em termos de organização espacial, ordem formal e sistema construtivo. Por outro lado, elementos de composição e determinadas relações espaciais experimentadas nos diversos projetos foram sedimentando critérios nos quais, durante os seis anos que duraram os projetos para a Petrobras, relações de influência entre as propostas realizadas por cada um dos quatro arquitetos aleatoriamente, de acordo com a sequência cronológica de produção, geraram o acúmulo de soluções formais e construtivas, que constituem a própria base do sistema arquitetônico usado por todos.

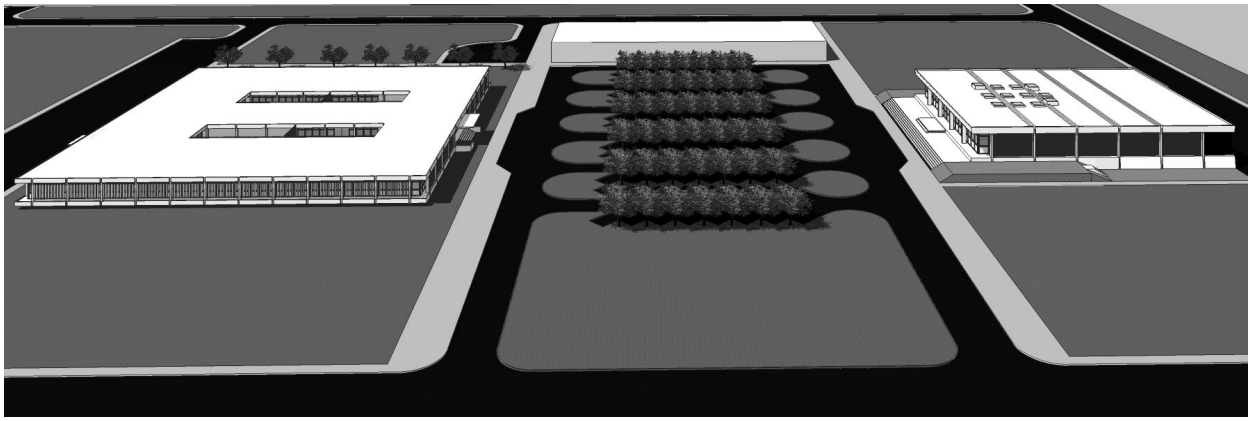


Figura 10. - Refinaria Alberto Pasqualini - REFAP, Petrobras, Superintendência, Laboratório e Segurança, "Praça das Três Funções" Carlos M. Fayet, Cláudio Araújo, Moacyr Moojen e Miguel Pereira, Canoas-RS. Fonte: Acervo FAM/PROPAR.

5. CONCLUSÃO.

Na Refinaria, além de sistemas construtivos relacionados ao concreto que determinaram forma, função, sistemas espaciais, lógicas de projeto e vanguardismo tecnológico, com pioneirismo no uso da pré-moldagem *in situ*, a investigação tipológica e as relações urbanas entre as unidades determinaram igualmente certo vanguardismo na Arquitetura Moderna no sul, cuja essencialidade visual e espacial comprova, através de sua consistência, a universalidade eficiente dos tipos adotados, a pertinência formal consequente e matriz de uma maneira de organizar ordenadamente o espaço urbano. Sistemas frequentados nos projetos urbanísticos feitos por Moojen e Fayet na PMPA, em especial no aterro da Praia de Belas, valorizado pelos três quando resolveram aí morar (Fig.11).

Também o movimento nacionalista "O petróleo é nosso" procurou e encontrou arquitetos simpáticos à corrente social da qual a Arquitetura Moderna Brasileira era uma causa. A rede de alianças estabelecidas, neste caso, acima das particularidades pessoais e estilísticas de cada arquiteto, encontrava entre promotor e profissional coincidência ideológica e correspondência arquitetônica, suficientes para a associação de quatro escritórios distintos, engajados na realização de uma obra referencial comum para esses objetivos. De certa maneira, processo semelhante se dava na Universidade Federal, na Prefeitura Municipal, na formação do IAB/RS e em diversos segmentos em que se estruturavam setores de arquitetura. A propagação de uma prática de arquitetura moderna, como objeto de contribuição social, desenvolvimento econômico coletivo e evolução cultural, assim como certo consenso formal, arregimentava equipes que aderiam à causa, portanto à arquitetura moderna, tanto como produção coletiva e quanto como produção autoral.

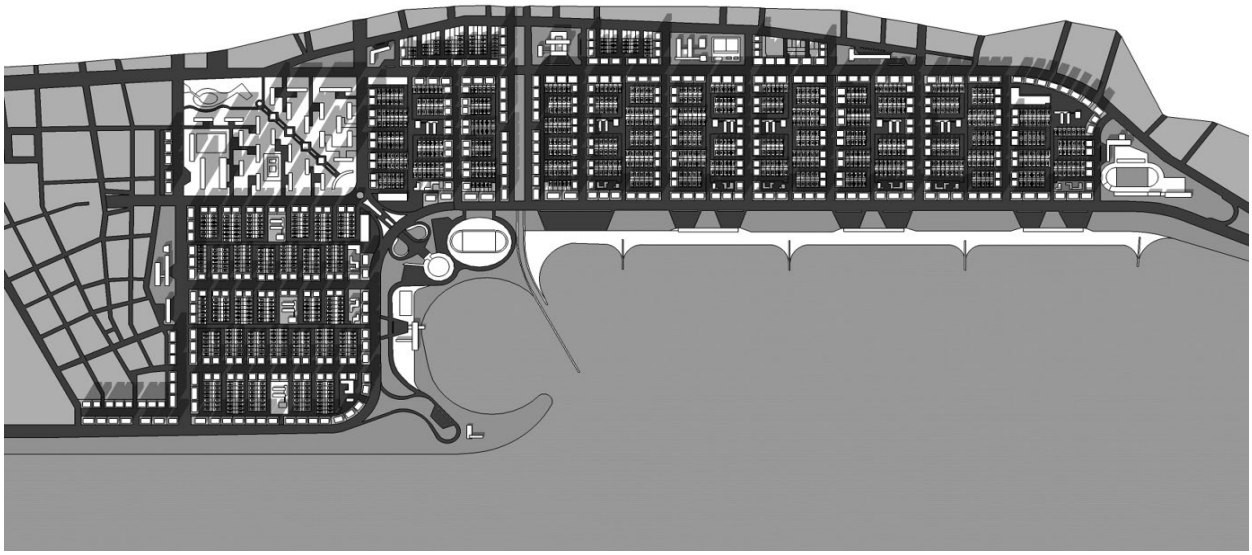


Figura 11. Plano Diretor de Porto Alegre, Projeto da Praia de Belas, Edvaldo Pereira Paiva, Roberto F. Veronese, Carlos M. Fayet, Moacyr Moojen Marques e equipe (Coord. Carlos M. Fayet), 1959, Porto Alegre-RS. Fonte: Acervo FAM/PROPAR.

A crítica posterior atribui a essa dimensão o fato de que o discurso do coletivo gerou cultura de certa maneira inibidora formalmente, perfilando visões éticas e padrões de comportamento reticentes ao descomprometimento formal dos cariocas ou à grandiloquência dos paulistas. Uma parte do comedimento arquitetônico gaúcho talvez possa, de fato, ser debitada nessa conta, no entanto, a abstenção formal da arquitetura moderna no Sul, muitas vezes classificada de medíocre, poderia assim ser classificada se a palavra medíocre atribuísse significado a algo parcimonioso e comedido, em busca de uma noção de ordem rigorosa. Projetados com grande atenção à racionalidade e economia a partir de estratégia formal com expressivo sentido de ordem, os exemplos analisados são efetivamente mais contritos que seus pares do centro do país, mas não com menos rigor e sofisticação. A rede de afinidades arquitetônicas, ditadas pela contemporaneidade dos arquitetos, com a afirmação da arquitetura moderna, em marcha no sul do Brasil, mesmo com importantes paralelos e filiações aos episódios cariocas e paulistas, apoiou-se, pelas razões sociais e outras, de natureza cultural/geográfica citadas, em sistemas espaciais e critérios de projeto predominantemente mais controlados sob o ponto de vista formal e mais proporcionados sob o ponto de vista construtivo.

As carreiras de arquitetura, no Rio Grande do Sul, na produção de arquitetura moderna em obras públicas, realizadas tanto por escritórios privados quanto pelo próprio serviço público, desnudam uma tradição de ofício enraizada na atenção à coletividade, na arquitetura moderna como causa e no controle construtivo como critério, que resistiu mesmo quando os nichos de poder já não eram simpáticos a esse pensamento. A tradição em planejamento regional e urbano de Porto Alegre, bem como a reconhecida qualidade no ensino de arquitetura, igualmente, advêm, em parte, dessa visão do serviço e da obra pública tecnicamente qualificada, desempenhados com devotamento.

Entre episódios de cassação política e inquéritos militares, que tanto Fayet quanto Moojen enfrentaram a partir de 1964, a arquitetura moderna perpetuou-se no panorama nacional e regional como imagem de nação desenvolvimentista, e a Petrobras seguiu com seus preceitos arquitetônicos até a conclusão em 1968. O exercício do ofício resistiu por uns tempos.

Com esses diversos graus de intermediação entre construção e paisagem, sistema tipológico e construtivo, inovação tecnológica e pioneirismo ambiental, a REFAP e TEDUT são uma das melhores experiências formais da Arquitetura e Urbanismos Modernos Brasileiro no Sul (Fig. 12).



Figura 12. Refinaria Alberto Pasqualini - REFAP, Petrobras, Refeitório. Carlos M. Fayet, Cláudio Araújo, Moacyr Moojen e Miguel Pereira (Coord. Moojen), 1962 Canoas-RS. Fonte: Acervo FAM/PROPAR